

Patrimônio sim, mas nada original

Mesmo sendo tão nova, Brasília já passou por muitas *plásticas*. De postes a bancas de revista, quase tudo mudou

JOÃO CLÁUDIO NETTO

São 43 anos de vida. E mesmo sendo tão recente a história, pouco resta do mobiliário urbano original de Brasília. Postes, bancas de revista, *tesourinhas* mudaram ao longo do tempo. A concepção inicial da cidade, planejada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, não resistiu intacta ao crescimento da capital da

República, que deveria ter 500 mil moradores no máximo, mas hoje abriga mais de dois milhões de pessoas.

O crescimento da violência obrigou a troca dos postes, os pequeninos *tacos de golfe*, que davam um ar de vila às superquadras, pelos postes mais altos, com iluminação mais forte. As *tesourinhas*, que tanto confundem quem vem de fora, ganharam mais voltas porque

o número de carros aumentou e houve necessidade de dar vazão ao fluxo maior. Algumas paradas de ônibus foram trocadas de lugar - das quadras para as entrequadras - para que não existisse o risco de a grande quantidade de ônibus entupir as paradas e impedir as entradas nas quadras comerciais.

Também consequência do crescimento urbano, as ban-

cas de jornal e os postos de gasolina deixaram de servir somente às suas funções iniciais e se tornaram minicentros comerciais nos quais é possível encontrar quase de tudo. E não houve como barrar o avanço desenfreado da publicidade. Os espaços abertos, amplos, foram tomados pelos *outdoors* e prejudicados pela poluição visual.

E assim Brasília cresce.

Para o professor de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), Antônio Carlos Carpintero, o planejamento posterior de Brasília foi mal feito pelo governo federal. "Se pensava que os operários que vieram construir a cidade iriam embora depois que ela ficasse pronta. Mas continuaram. Não houve um planejamento

considerando o Entorno", diz.

Coordenadora da comissão de políticas urbanas do Instituto de Arquitetos do Brasil, seção DF (IAB-DF), a arquiteta Tânia Batella critica o crescimento desordenado. "O mobiliário urbano deixou de integrar a paisagem, de ter uma função urbana. Está sendo usado como uma peça isolada, principalmente destinada à propaganda, o que não poderia".

O QUE FOI MODIFICADO

CEDOC/13.3.1987



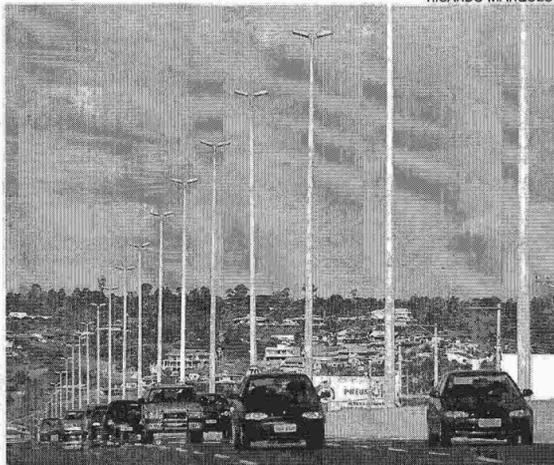
As bancas que viraram shopping

A coordenadora da comissão de políticas urbanas do IAB-DF, Tânia Batella, explica que as bancas deveriam comercializar somente revistas e jornais. Mas, com o crescimento da cidade, elas estão se tornando centros comerciais, nos quais se vende quase de tudo. Com isso, o movimento de pessoas e veículos aumenta, o que traz problemas como carros estacionados irregularmente ou a invasão do espaço público. O Sindicato dos Jornalheiros, inclusive, planeja um modelo novo de bancas, mais amplo.

Um mercadinho dentro do posto

Em situação parecida às bancas. A colocação é do professor de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Antônio Carlos Carpintero. Lúcio Costa planejou que os postos serviram somente para o abastecimento de combustível, no máximo um lava-jato. Mas eles cresceram além do imaginado com a chegada das lojas de conveniência. Transformaram-se em pontos de encontro, comércio e lanchonetes, o que fez os postos serem ampliados e ocuparem mais área pública.

RICARDO MARQUES



Mais luz, menos charmes nos postes

Logo na fundação da cidade, os postes eram bem baixos. Nas quadras, eram conhecidos como *tacos de golfe*. A iluminação era fraca. A idéia era que as quadras tivessem um clima de vila, algo mais caseiro e tranquilo. Com o aumento da violência, os postes antigos começaram a ser substituídos por outros mais altos, com uma iluminação mais forte. Em muitas quadras, optou-se por modelos com luminárias em formato de bola. Os postes do Eixão, por sua vez, são criticados. Segundo o professor da UnB, Antônio Carpintero, por conta do tamanho, eles alteraram a paisagem. "Você olha ao longo e eles tapam a visão", afirma Antônio Carpintero.

RICARDO MARQUES



O quinto elemento

Pela concepção original, esses blocos, com formato quadrado, deveriam ter uso único. Em vários lugares, isso ainda é respeitado, como, por exemplo, no Carpe Diem, da 104 Sul, ou a Academia Norma Lília, da 108. Mas, na 106 Sul, por exemplo, segundo aponta o superintendente interino do Iphan, Márcio Vianna, a quinta comercial está cheia de lojas. No início da cidade, não era assim. Lá, funcionava um restaurante chamado Bon Gourmet.

Outdoors, uma poluição com todas as cores e letras

Reclamação unânime entre os arquitetos. Eles se queixam que a publicidade se espalha de forma desordenada e, além de poluir visualmente a capital, ainda impede a visão dos espaços amplos concebidos por Oscar Niemeyer.

Afiando o corte das Tesourinhas

Foram construídas inicialmente apenas com dois trevos, aqueles virados para o Eixão. As saídas do Eixinho para as comerciais e das comerciais para o Eixinho tinham linhas retas. O aumento na concentração de carros nas quadras comerciais/residenciais obrigou a construção dos dois trevos voltados para elas, que dão acesso ou saída a uma das vias do Eixinho. Era a alternativa para diminuir o movimento. A mudança, entretanto, obrigou a reconstrução das entradas e saídas do Eixinho, que mudaram de lugar - foram afastadas - e ganharam linhas mais curvas.

Passagem para o subterrâneo

Quando se descia as escadas da entrada, era possível ver o fim da passarela na outra ponta. Com as mudanças nas *tesourinhas*, foi preciso reconstruir as entradas das passagens. Agora, quando o pedestre desce a escada, encontra uma "esquina" e uma área escura, sem entrada de sol, onde muitas pessoas aproveitam para urinar (daí o mau-cheiro), sem contar a insegurança dos pedestres, pois torna-se um lugar para assaltantes se esconderem.

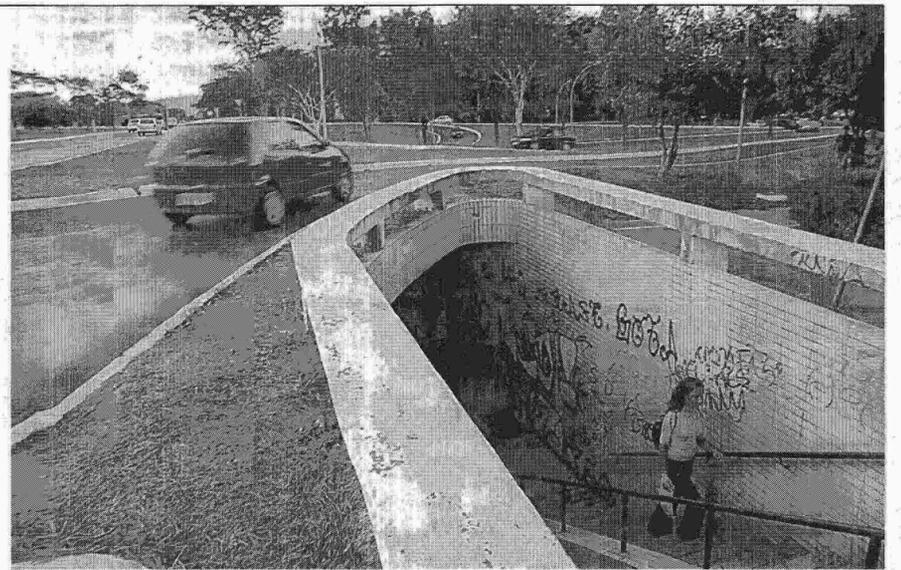


DAVI ZOCOLI/14.6.1999

O prédio que tomou fermento

É apontada como a mudança mais grave nos 43 anos de Brasília. Os prédios deveriam ter seis andares e mais o térreo com pilotis. Em muitos prédios, o espaço entre os pilotis começou a ser ocupado por construções como salões de festas, o que desrespeitava o tombamento. Para evitar a infração, a alternativa encontrada foi a construção do sétimo andar, que deveria ser uma cobertura de uso coletivo, com piscina, churrasqueira, sauna e salão. No entanto, pouco a pouco, as coberturas começaram a ficar privativas, sendo incorporadas ao sexto andar. De acordo com o arquiteto Carlos Magalhães, alguns prédios novos, em construção, estão sendo feitos com o sétimo andar como unidade autônoma. Existem ações na Justiça contra esse sétimo pavimento, inclusive uma do próprio Oscar Niemeyer, já ganha, impedindo esse uso. Os cartórios não estão mais registrando prédios cujo sétimo andar seja de uso privativo.

RICARDO MARQUES



Parada no tempo

Merecem destaque por dois motivos. O modelo antigo, do projeto original de Lúcio Costa, está sendo preservado, tanto que foi tombado. Uma história interessante é a origem daquelas "janelinhas": o espaço serviria para serem colocadas placas indicativas das linhas de ônibus que passavam por aquele ponto. Mas os novos, que estão sendo instalados, seguem novo padrão. Segundo o presidente do IAB Nacional, Haroldo Pinheiro, são de policarbonato, material que lembra muito um tipo de vidro. A vantagem desse modelo é a segurança, pois o fato de ser transparente permite saber quem se aproxima por trás. Por outro lado, é criticado porque esquenta muito e não protege do sol, nem das chuvas acompanhadas de vento.

FOTOS: RICARDO MARQUES

Será que o ponto é passageiro?

Ao longo do tempo, a localização das paradas de ônibus também mudou. No projeto original, eram colocadas nas quadras. Com o aumento da frota de ônibus, algumas foram deslocadas para as entrequadras porque ficaria inviável entrar ou sair nas comerciais num dia de muito movimento.

